

SOCIABILIDADES DE SALÃO NO PORTO SETECENTISTA NA OBRA DO ABADE DE JAZENTE

MARIA ANTÓNIA LOPES

Centro de História da Sociedade e da Cultura da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

No longínquo ano de 1989 publiquei o livro *Mulheres, espaço e sociabilidade*. A transformação dos papéis femininos em Portugal à luz de fontes literárias (2.^a metade do século XVIII), resultante da tese de mestrado apresentada dois anos antes. Aí demonstrei que, se na primeira metade do século XVIII a generalidade das mulheres portuguesas da nobreza e burguesia vivia ainda enclausurada e segregada de convívio e divertimentos, a partir de 1750, e sobretudo de 1770, a situação modificou-se. Conquistando o direito à sociabilidade entre si, mulheres e homens desses grupos sociais passaram a frequentar e a abrir as suas casas às “assembleias” (também conhecidas como “funções” ou “partidas”). De espaço feminino de clausura, recato, silêncio e trabalho, o lar transformou-se em lugar de convívio e de manifestações culturais e festivas, onde se socializava em conversações, jogos, bailes, saraus poéticos, teatrais e musicais. Três artigos anteriores haviam já apontado alterações dos quotidianos femininos na segunda metade do século XVIII (Figueiredo; Santos, “Perspectivas”; Santos, “A condição”), embora sem atribuir à nova sociabilidade das assembleias o papel fundamental que lhe conferi. Era a estas reuniões lúdicas, conhecidas mais tarde por “salões”, que em Portugal do século XVIII se chamava “assembleias”. Diga-se, a propósito, que se têm intelectualizado demasiado as sociabilidades de salão setecentistas ao circunscrevê-las à componente literária ou científica, esquecendo a sua forte vertente lúdica (cf. Liti).

As senhoras lisboetas da segunda metade do século XVIII alargaram também o seu espaço. Tradicionalmente, saíam apenas para acorrer às cerimónias religiosas e visitar as amigas. De forma gradual, e gerando polémica, começaram a dirigir-se aos espetáculos. Às corridas de touros já iam desde o início do século, mas agora passaram a frequentar o teatro, a ópera, as mascaradas, os bailes públicos. Aventuraram-se também a passear ao ar livre e a ir às praias, com os banhos de mar a surgirem em finais do século.

Contudo, na minha pesquisa só consegui apreender todo esse ambiente em Lisboa, o que foi prosseguido em estudos de outros autores (Madureira 76-91; Lousada, “Sociabilidades”; Lousada “Novas formas”; Ferreira). Revisito agora o tema, buscando-o no Porto. As fontes são escassas, mas ainda assim é possível perceber que a nova sociabilidade se estendeu a esta cidade, gerando práticas muito semelhantes às da capital, tal como foram análogos os sarcasmos e as críticas que esses comportamentos suscitaram. O presente texto debruça-se sobre a convivialidade nos salões portuenses captada nas *Poesias* de Paulino António Cabral (1719-1789), mais conhecido como Abade de Jazente, porque a obra é muito rica enquanto fonte histórica de todas essas transformações na cidade do Porto, das suas causas, das suas particularidades e das reações que fez surgir.

O estado eclesiástico de Paulino Cabral nunca o impediu de celebrar a vida e os seus muitos prazeres, desde a caça, o jogo e os deleites da mesa, ao amor a Nise ou a várias Nises. Apesar de tal estilo de vida, que pelo menos em certa altura incluía também visitas a freiras, para quem poetou, o autor criticava ferozmente a nova sociabilidade das mulheres leigas. Morador em Jazente (concelho de Amarante) entre 1748 e 1753, tal facto também não obsteu a que frequentasse e conhecesse bem o ambiente do Porto e de Braga (Saraiva e Lopes, 708-710; Coelho; Monteiro; Topa, “Para uma reedição”; Topa, Ecos). Não é possível saber a que anos exatos se reportam as suas críticas às novas sociabilidades de salão porque os poemas em apreço não estão datados. Percebe-se, porém, que o poeta retrata e condena práticas portuenses, como expressamente declara ou, noutros casos, se depreende.

Citem-se desde já alguns trechos que resumem todo um ambiente de convivialidade tão semelhante, afinal, ao que sabemos existir em Lisboa:

Ide, damas do Porto, ide ao passeio,
Ao teatro, ao café, ao jogo, à dança;
Deixai-vos ver, enchei-vos de esperança,
E sede doce objeto ao nosso enleio.
(I, 29)

Frequente-se o teatro muito embora,
As nobres assembleias, o passeio,
O baile, o jogo e todo o mais recreio,
Que faz a Portugal tão culto agora.¹
(I, 15)

Ou ainda estes:

Adeus, ó Porto, adeus; fica-te embora,
Que eu já não posso mais; porque me cansa
Tanto chá, tanto whiste, tanta dança,
E tanta cousa mais que calo agora.

Não era há pouco assim: tudo empiora,
O bem se acaba, o mal raízes lança;
E tem-se feito em tudo tal mudança,
Que até por novo estilo se namora.

[...]

Adeus casas de brinco; adeus enganos;
Chichisbéus, Excelências, Senhorias;
Adeus ninfas gentis que fazeis anos
(I, 13)

¹ A grafia foi atualizada em todas as citações.

Temos, portanto, na segunda cidade do reino, mulheres e homens a passear, a frequentar teatros e assembleias onde jogavam cartas (o *whiste*), dançavam, tomavam chá, festejavam aniversários, namoravam, deixavam-se tratar por fórmulas a que não tinham direito (Excelência, Senhoria) e servir pelos *chichibéus*, essa nova figura tão escandalosa surgida no século XVIII. Era toda uma revolução de costumes, bem exposta neste soneto:

Tem-se feito entre nós tanta mudança,
Que Portugal tão rústico algum dia
Já nas nações estranhas se avalia
Por aluno fiel da douta França.

Já se vai ao teatro, ao jogo, à dança,
Já se conversa e não se desconfia;
Pois de um e de outro sexo a companhia,
Em lugar de inquietar-nos, nos descansa.

Já liteiras não há, pois na cidade
Só berlindas se veem, se veem boleias
Rodar com mais gentil velocidade.

E seguindo-se de amor novas ideias,
Não se ataca das freiras a piedade,
Vai-se tomar lugar nas assembleias.

(II, 103)

Como é típico da sátira de costumes, que mais não é do que polícia de costumes, exageram-se as condutas que se criticam e o seu alcance social. Tendo isto em mente, repare-se no espantoso valor documental do soneto: os comportamentos tinham mudado de forma súbita e radical, imitando-se usos franceses, donde vinha o bom tom que extirpava a rusticidade portuguesa. A nova civilidade impunha o convívio aberto dos dois sexos, que juntos frequentavam o teatro, jogavam, dançavam e conversavam nas assembleias. É claro que, para se manter e abrilhantar uma assembleia que incluía a “conversação”, a música vocal e instrumental, a poesia e a dança, era necessário que os jovens de ambos os sexos dominassem novos saberes. Proliferaram então os mestres de línguas vivas, sobretudo o francês, de dança, de canto, de execução instrumental.

A vida da cidade adquiria maior ritmo, afirma Paulino Cabral, patente no abandono das liteiras, transportadas à mão ou a passo lento de mulas, agora trocadas pelas berlindas que rodavam lestras puxadas por cavalos. Na verdade, o poeta exagerava. As liteiras e as cadeirinhas continuaram a usar-se porque a orografia do Porto o aconselhava. Há, aliás, testemunhos disso mesmo em 1766 (Gorani 129) e em 1779 (Costigan 147).

A rematar, frisa Jazente, as assembleias tinham substituído os outeiros. Isto é, o autor verifica e atesta que também no Porto as freiras já não suscitavam interesse convival, face ao aparecimento em público de mulheres leigas com algumas tintas de educação e muita jovialidade. Eis o que sucedera em Lisboa: antes da transformação de comportamentos que aqui tratamos, *grosso modo* do século XVII a meados do XVIII, os conventos de freiras, contrariamente ao lar, eram locais de convívio de ambos os sexos, de relações amorosas mais ou menos platónicas e de manifestações poéticas e teatrais. Tal prática fez moda, provocou escândalo e medidas repressivas. As freiras organizavam festas (os outeiros) nos conventos para celebrar acontecimentos festivos, promoviam manifestações poéticas, musicais e teatrais que podiam ser de sua autoria ou não. De facto, as religiosas (todas então de clausura) exerciam o fascínio pelo inacessível, pelo obscuro e difícil que apaixonava os espíritos barrocos das primeiras décadas de Setecentos. A mulher só por si era considerada um ente misterioso e os obstáculos a transpor para ter acesso a ela intensificavam esse halo de encanto e mistério que a envolvia. O facto de ser freira conferia à conquista amorosa o sentimento mais ou menos vago de sacrilégio, o que a tornava mais cobiçada.

As freiras foram, pois, quem iniciou o convívio mais ou menos aberto com os homens, enquanto as mulheres do mesmo estatuto social viviam ainda, de um modo geral, em reclusão. A partir da década de 1750 e sobretudo de 1770, a situação modificou-se. As mulheres leigas conseguiram, cada vez em maior número, conquistar o direito à sociabilidade heterossexual; e as freiras, a pouco e pouco, deixaram de suscitar interesse. Os *freiráticos*, tipo tão vulgarizado até essa época, desapareceram e as freiras foram sendo esquecidas atrás dos seus muros, embora as visitas às religiosas tenham permanecido durante todo o século sobretudo em cidades pequenas, onde os novos comportamentos mundanos tinham dificuldade em penetrar. Outro modelo surgia, nomeadamente em Lisboa: a mulher das assembleias, plena de atrativos e exuberância, muito próxima, bem real. Os homens do Iluminismo eram prosaicos, ligados à vida, à felicidade terrena, palpável e imediata. O amor à freira, com todo o mistério e inacessibilidade que envolvia, ideal para atrair os homens barrocos, já não era adequado à nova mentalidade que alastrava. No entanto, também na poesia do Abade de Jazente transparecem práticas freiráticas, muito presentes nos versos da polémica que manteve com Teodoro de Sá Coutinho, datável de meados do século. Estou em crer que tais convívios se desenvolviam sobretudo em Braga e/ou nessas décadas mais recuadas da sua produção, o que explicaria o testemunho de idas a conventos e a asserção de que já não se lá ia.

Opinião muito divulgada em Lisboa era a que via nos novos costumes mera ostentação, vaidade, moda que viera da França. O mesmo pensa Jazente sobre o que vê no Porto e não, como poderia ser conjeturável, resultado da presença da importante colónia inglesa na urbe. Já o ouvimos afirmar essa origem francesa que é, aliás, tema recorrente nas suas rimas:

Portugal que era rústico algum dia,
Incivil, trapalhão, mal amanhado,
Está (graças à França) tão mudado,
Que o mesmo já não é, que ser soía
(I, 17)

Oh mal haja de França a habilidade,
Que assim nos impingiu os seus costumes
Nas merendas, nos jogos, nos perfumes,
Com que vai estragando a mocidade.
(I, 49)

Quem te viu, quem te vê, ó Portugal!
Tão bárbaro, grosseiro, tosco e vill!
Hoje estás mais polido, e mais civil
À custa do teu próprio cabedal
[...] Lançou a astuta França o seu anzol
(II, 100)

Os tipos femininos e masculinos que encontramos em Lisboa e as palavras que os nomeavam, na terminologia pitoresca da época, existiam também no Porto com a respetiva designação. Desfilam assim perante nós, nas sátiras de Jazente, *peralvilhos*, *peraltas*, *casquilhos*, *chibantes* e *petimetres*, que eram denominações sarcásticas de pessoas da moda muito preocupadas com a aparência e consideradas pelos seus detratores fátuas e ridículas. Surge também o *chichisbén*, que significava cavalheiro servente de uma dama e, ao seu lado, resmungando, os *ginjas*², retrógrados que reprovavam os novos costumes.

É claro que o convívio aberto de homens e mulheres escandalizava muitos espíritos ginjas, que profetizavam a total perdição das mulheres. A escrita satírica, sobretudo a comédia, encontrou aí um grande filão. Se muitos autores e impressores podiam ser motivados apenas pela oportunidade de negócio, uma vez que esses textos tinham público garantido, outros sentiriam genuína indignação. Paulino Cabral, que nunca publicou os seus poemas, insere-se nesta linha, apesar de tantos aspetos da sua vida pessoal e da sua obra chistosa aconselharem maior contenção. Leiam-se os seguintes trechos, preciosidades de versificação e preciosas fontes históricas para a apreensão dos novos costumes (incluindo lexicais) e das censuras que suscitavam:

Em quanto o petimetre e a dama bela
Dança com gala e canta com doçura:
Que o que se diz por aí de uma janela,
De um caso sucedido em noite escura,
E de outras cousas mais, é bagatela.
(I, 15)

² Em Lisboa, além desse vocábulo, também eram usados os de *jarretas* e *grifós*.

Conversa, joga, dança; e o novo enleio
Que entre os dois sexos logra é tão decente,
Que à sátira mordaz tem posto um freio.

Vive agora um marido mais contente;
Um pai sem susto; e todos sem receio:
Ditosa condição! Ditosa gente!
(I, 17)

Encosta, Nise, a roca e na costura
A agulha prega sem pegar mais nela,
Que o contínuo labor que te desvela
Se um tempo foi decoro, hoje é loucura.
[...]

De nossos bons avós na idade dura
Se honrava n'almofada uma donzela;
Porém hoje é somente ilustre aquela,
Que em vez de trabalhar, brincar procura.

O génio, pois, do século presente
Deixa correr; a ele te acomoda;
Que é louca toda aquela que o desmente.

Joga, dança, passeia, faze roda
Entre os peraltas vãos, e até consente
Que te falem de amor que o manda a moda.
(I, 28)

Ide [damas do Porto], vinde, volta; e o vão cuidado
De um falso pundonor ocupe aquelas
Que tem uma mãe séria, um pai pesado.

Ou fique para algumas tão singelas,
Que julgam não poder tomar estado,
Depois que se desfazem de donzelas.
(I, 29)

Vês homens misturados com mulheres
Em banquetes, em jogos, danças altas;
Elas na casquilhice mui peraltas,
Eles na chibantice todos erres.
(I, 40)

Andarem de contínuo em sociedade
Os homens e mulheres em cardumes,

Sem cautelas, receios, nem ciúmes;
E a isto hão de chamar civilidade!

Olhai, homens coitados, a quem toca
Zelar a própria honra com desvelos
Que a experiência a todos vos convoca:

Vigiai e vereis que estes marmelos
Namoram com os olhos, com a boca,
Com os pés, com as mãos e cotovelos.
(I, 49)

E leiam-se ainda estas suas sextilhas das chamadas “Verdades singelas”, de graça pesada de pendor popular ferozmente tradicionalista; ou, como se diria na época, próprias da *grifaria*:

A que dança de arremesso,
Que faz versos e é cortês,
Que joga e fala francês,
Em fim mulher que eu conheço
Seja clara, seja bela
Fugir dela.
(II, 216)

A que lê livros de amores,
Que sabe deitar um mote,
Que estraga holandas a cote,
Que faz cortejo aos senhores,
Se por milagre é donzela,
Ter mão nela.
(II, 216)

O que consente à mulher
Andar na dança aos boléus,
Escrever a chichisbéus,
E que lhe deixa fazer
Em tudo a sua vontade:
Vá ser Frade.
(II, 212)

Contudo, em certa altura da sua vida, o Abade ter-se-á rendido aos benefícios da nova sociabilidade entre sexos. Senão leia-se este soneto:

Neste mundo não há quem da censura
Isento a viver chegue; porque a gente
Muitas vezes da ação, que é mais decente,
A vê por outro lado; e nos murmura

Critica-se uma dama, que procura
Fugir das assembleias; e igualmente
Da que nelas se quer fazer patente,
Talvez o pundonor se desfigura.

Uma, dizem, que tem o génio rude.
Outra, que se encaminha ao precipício.
E em cada qual o bem e o mal se ilude.

E assim com um satírico artifício;
O que às vezes em ambas é virtude
A crítica mordaz figura um vício.
(I, 244)

O que o Abade nunca perdoou foi o uso de tratamentos pessoais indevidos, a apropriação de títulos reservados a gente nobre:

Que uma dama gentil sonora cante,
Que dance destra e até que versos faça,
Não se deve estranhar porque isso é graça,
Que mais airosa a faz, que a faz galante.

Que toque, que passeie e que brilhante
Às assembleias vá, por moda passa;
E tudo o que ela ordena e que ela abraça
É para a desculpar causa bastante.

Tudo lhe dou, que a nossa idade agora
Das rústicas cautelas de algum dia
As pesadas correntes lançou fora

Só não soffro a rasgada cortesia,
Que faz que uma vilã se condecora,
Chupando Dom, lambendo Senhoria.
I, 236

Os versos de Paulino Cabral revelam, pois, e à sociedade, que no Porto do século XVIII, tal como em Lisboa, as novas sociabilidades de salão setecentistas se implantaram com ruído social. E que surgiram tipos novos que coexistiam com burgueses e nobres cujas vidas continuavam a pautar-se pelas regras de inícios do século.

As casas particulares dos que aderiram à nova sociabilidade transformaram-se, passando de templos de virtudes austeras a locais de novas aprendizagens de cariz artístico, como a dança, o canto, a execução de um instrumento musical. E, sobretudo, as casas familiares tornaram-se espaços de convívio e divertimento com conversações, saraus poéticos, representações teatrais, música vocal e instrumental, bailes, jogos, chás, merendas e ceias.

Em suma: a nova sociabilidade setecentista, tanto em Lisboa como no Porto, provocou transformações no quotidiano, nos espaços feminino e masculino, na educação, nas práticas culturais e de espetáculo e na reformulação das representações da sociedade e dos papéis sociais dos dois sexos.

OBRAS CITADAS

Cabral, Paulino António (ou abade de Jazente). *Poesias*, 2 vols. Porto, Antonio Alvarez Ribeiro, 1786-1787.

Coelho, Jacinto do Prado. “Cabral, Paulino António”. *Dicionário de Literatura* 1. Dir. Jacinto do Prado Coelho. Porto: Liv. Figueirinhas, 1985. 131-132.

Costigan, Arthur William. *Retratos de Portugal. Sociedade e costumes*. Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2007.

Ferreira, Luís Tarujo. *Vai o diabo em casa do Alfacinha: (des)amores e outras desordens nos entremezes de cordel de Setecentos*, 2 vols. Porto: tese de doutoramento apresentada à Universidade do Porto, 2012.

Figueiredo, Violeta Crespo de. “Papéis volantes do século XVIII – 5. Mulher”. *História* 5 (1979): 54-64.

Gorani, José. *Portugal: a corte e o país nos anos de 1765 1767*. Lisboa: Ática, 1945.

Lilti, Antoine. *Le monde des salons. Sociabilité et modernité à Paris au XVIII^e siècle*. Paris: Fayard, 2014.

Lopes, Maria Antónia. *Mulheres, espaço e sociabilidade. A transformação dos papéis femininos em Portugal à luz de fontes literárias (2^a metade do século XVIII)*. Lisboa: Livros Horizonte, 1989.

– – – . Mulheres, espaço e sociabilidade. A transformação dos papéis femininos em Portugal na segunda metade do século XVIII. Coimbra: tese de mestrado em História Moderna apresentada à FLUC, 1987.

Lousada, Maria Alexandre. “Novas formas: vida privada, sociabilidades culturais e emergência do espaço público”. *História da vida privada em Portugal. A Idade Moderna*. Dir. José Mattoso. Coord. Nuno Gonçalo Monteiro. Lisboa: Círculo de Leitores, 2010. 424-456.

– – – . “Sociabilidades mundanas em Lisboa. Partidas e assembleias, c. 1760-1834”. *Penélope* 19-20 (1998): 129-160.

Madureira, Nuno Luís. *Lisboa, luxo e distinção (1750-1830)*. Lisboa: Fragmentos, 1990.

Monteiro, Ofélia Paiva. “Abade de Jazente”. *Biblos. Enciclopédia Verbo das Literaturas de Língua Portuguesa* 1. Dir. José Augusto Bernardes *et al.*. Lisboa: Verbo, 1995. 1-3.

Santos, Maria José Moutinho. “A condição da mulher em Portugal no século XVIII vista por estrangeiros. Alguns aspectos”. *Boletim da Comissão da Condição Feminina* 1 (1981): 7-20.

– – – . “Perspectivas sobre a situação da mulher no século XVIII”. *Revista de História* 4 (1981): 35-47.

Saraiva, António José e Lopes, Óscar. *História da literatura portuguesa*. Porto: Porto Editora, 1978.

Topa, Francisco. “Ecos italianos na poesia do Abade de Jazente”. *Nel mezzo del cammin: actas da Jornada de Estudos Italianos em honra de Giuseppe Mea*. Org. Francisco Topa e Rita Marnoto. Porto: sombra pela cintura, 2009. 261-270.

– – – . Para uma reedição completa da obra de dois poetas setecentistas esquecidos: Paulino António Cabral e Teodoro de Sá Coutinho - inventário das fontes testemunhais dos seus poemas. Porto: Ed. Autor, 1998.

Maria Antónia Lopes, Doutora em História Moderna e Contemporânea pela Universidade de Coimbra, com Agregação na mesma área e instituição, é Professora da Faculdade de Letras dessa Universidade, investigadora integrada do CHSC e colaboradora do CEHR e do CEIS20. Além de artigos em revistas e capítulos de obras coletivas publicados em Portugal e no estrangeiro, coordenou três livros e escreveu oito, entre eles: *Mulheres, espaço e sociabilidade... (segunda metade do século XVIII)*, Lisboa, Livros Horizonte, 1989; *Pobreza, assistência e controlo social em Coimbra, 1750-1850*, 2 vols., Viseu, Palimage, 2000; *Protecção social em Portugal na Idade Moderna*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 2010; *Rainhas que o povo amou: Estefânia de Hohenzollern e Maria Pia de Saboia*, Lisboa, Círculo de Leitores, 2011 (reeditado em 2013 pela Temas e Debates); *D. Fernando II, um rei avesso à política*, Lisboa, Círculo de Leitores, 2013.

mafilopes@netvisao.pt